



A PROSTITUIÇÃO REPRESENTADA NOS NOVOS FORMATOS TELEJORNALÍSTICOS: A ABORDAGEM DISCURSIVA DO TEMA NOS PROGRAMAS A LIGA E PROFISSÃO REPÓRTER

Leandro Eduardo Wick Gomes¹

Resumo: Programas telejornalísticos como *A Liga* e *Profissão Repórter* apresentam novas estratégias discursivas em relação ao modelo padrão. Com características advindas de *reality shows* e de documentários, os programas analisados abordam o mesmo tema: prostituição. Este trabalho pretende analisar como a enunciação tem o desafio de construir o dizer verdadeiro no campo ideológico da relação entre os produtores do programa e o telespectador, considerando as construções textuais internas.

Palavras-chave: discurso; prostituição; televisão, jornalismo.

Abstract: Telejournalistics Programs such as *A Liga* and *Profissão Repórter* present new discursive strategies in relation to the standard model. These programs exhibit characteristics of reality shows and documentaries and feature the same theme: prostitution. This study aims to examine how the enunciation has the challenge of constructing a true speech in the ideological field of the relationship between the show's producers and viewers, considering the internal textual constructions

Keywords: discourse; prostitution; television; journalism.

¹ "Docente da UFMT" para que fique igual ao dos outros artigos.

A realidade na linguagem telejornalística

Conhecer o mundo em que convivemos está cada vez mais complexo. As fronteiras se dissiparam e tudo é capaz de gerar interesse. As relações sociais, que se baseavam em uma vizinhança, são reconstituídas em esfera global, com várias possibilidades de interação e troca de informação. As formas de agir e pensar se relativizam nessa amplitude também, o indivíduo busca conhecer a si e ao seu entorno através dessas relações não mais presenciais. A tecnologia se põe como plataforma de comunicação e conhecimento para formação desse novo perfil de sociedade.

A percepção desse mundo se dá por meio de um registro do real baseado na literatura, na fotografia, no audiovisual e na internet. Essa forma de mediação entre o indivíduo e seu entorno desfaz todas as fronteiras do conhecimento e cria novos discursos que sugerem uma reconstrução da realidade imediata. Pelos meios de comunicação, McLuhan (1995) já anunciava nos anos de 1960 o mote publicitário de “conheça agora e pague depois”. Nas próprias agências de viagens, através de informações com fotos e vídeos do local, o turista poderia conhecer as belezas e costumes de vários lugares turísticos. Toda a experiência do indivíduo estaria vinculada às expectativas construídas em seu contato com o local mesmo antes de chegar, através da propaganda.

O discurso construído pela imagem, através da fotografia, e em seguida do cinema e da televisão, reforçou a estratégia de conhecer sem estar presente. O vislumbamento pelo assunto posto em cena fez com que as experiências se tornassem desejadas, mas que não necessariamente remetessem ao contato direto com aquilo que é representado. Conhecemos as culturas, lugares e pessoas sem a presença.

Por mais realista que fosse, a fotografia não causou tanto impacto quanto o cinema, pois este foi a primeira forma de representar imagens em movimento. Em uma das exibições dos primeiros filmes, os irmãos Lumière, em 1895, espantaram o público ao exibir na sala de cinema a chegada de um trem à estação que parecia prestes a atropelar o espectador. Como forma documental, a imagem conquistou um *status* de credibilidade destacada em relação a outras formas de representação, mesmo considerando mecanismos computacionais capazes de alterar o registro do real e até mesmo criar imagens totalmente virtuais.

A televisão é o meio de comunicação mais abrangente no Brasil e não se pode ignorar a sua enorme influência na formação de opinião, nos valores culturais e práticas sociais. Diante de consumo em massa, as narrativas e os jogos de argumentação e interpretação entre os participantes do processo de comunicação são estrategicamente pensados, pois qualquer discurso na TV é amplificado. Dentre todas essas possibilidades discursivas da imagem em movimento como novelas, filmes, *reality shows*, videoclipes e outros, o documentarismo e o telejornalismo se apresentaram como específicas em relatar o real ou uma versão dele. Dois elementos são característicos de ambos os gêneros informativos: a apuração das informações e o testemunho dos personagens. Essas semelhanças facilitaram a proposta de programas híbridos na TV, que utilizam conceitos do jornalismo com valorização de elementos narrativos do documentarismo.

Mesmo com o pressuposto de se valorizar o relato dos fatos, a imprensa sempre tem intrínseco o desafio ético de equilibrar nos discursos as determinações ideológicas de diferentes falas dos atores, tendo em vista o espaço privilegiado que ocupa na sociedade. Fiorin (1988) afirma que a enunciação é uma combinação de elementos linguísticos com propósito de exprimir pensamentos, assim ressalta que nenhuma comunicação é neutra, as relações entre os sujeitos são marcadamente ideológicas. No discurso, os interlocutores da comunicação devem ser considerados competentes de qualidades que se comuniquem dos dois tipos, modais e semânticas.

Machado (2000) aponta que a construção da realidade no discurso telejornalístico se dá através de uma sucessão de depoimentos e falas, cada elemento com sua carga ideológica. Contudo, o modo breve e circunstancial desse mosaico de falas extrapola o controle ideológico da instituição jornalística em prol da fluidez da realidade midiaticizada. O objetivo é fazer-criar na representação, sem necessariamente fazer o telespectador se atentar para os recursos utilizados. A interpretação e aceitação do público dependem do seu repertório cultural e de sua relação com o meio de comunicação.

Diferente da proposta de registro do real através das câmeras no telejornalismo padrão, os programas que escolhemos para refletir tratam de um desmascaramento de critérios de produção, seja na manifestação de pensamentos e expressões dos repórteres, como suas decisões subjetivas, suas posturas editoriais, seus critérios de valor da informação, entre outros. Através desse arquivo visual, podemos reconstruir traços desses atores midiáticos e suas relações com os personagens noticiosos.

Os programas para esta análise são o *Profissão Repórter*, da Rede Globo e *A Liga*, da Rede Bandeirantes. Suas propostas são de informar, seus formatos, porém, variam do clássico telejornalismo quando ambos cedem vozes aos personagens de forma mais consistente. Nesses programas, as vidas das pessoas são retratadas com mais profundidade (não significa dizer que com a devida profundidade). Nesses casos, as experiências de interação entre repórteres e personagens são mais importantes que os fatos. A adesão dos apresentadores/repórteres nesses programas às rotinas dos seus personagens significa também uma aproximação ideológica, portanto, deixa de ser uma construção que objetiva imparcialidade (pressuposto de registrar a ideologia dos distintos grupos envolvidos). O modo de presença do repórter nas histórias é o ponto selecionado para reflexão, distinto de outros programas telejornalísticos.

A produção do discurso

No mundo das linguagens, faz-se necessário compreender como elas são organizadas para obter sentido entre as pessoas envolvidas no processo comunicativo. A partir dos primeiros estudos de Saussure (1969) sobre a língua como sistema, temos por premissa as semelhanças manifestas em diferentes estruturas discursivas. Uma delas, segundo Courtés (1979), é reconhecer que uma narração não é limitada a contar uma história com fatos que se sucedem um após o outro, adotando uma perspectiva do sujeito e de sua ação, mas que a narração se constrói na relação entre enunciador e enunciatário no texto em uma

sucessão de estabelecimentos de contratos.

Os estudos que analisam as estruturas internas do texto o consideram como um objeto de significação, mas ele também é analisado como objeto de comunicação entre dois sujeitos, inserido numa sociedade e relacionado com o contexto histórico e cultural que, conseqüentemente, contribui para formar o seu sentido. A leitura semiótica possibilita conciliar as análises tanto interna como externa do texto, examinando “os procedimentos da organização textual e, ao mesmo tempo, os mecanismos enunciativos de produção e recepção do texto” (BARROS, 1999, p. 8).

Nessa consideração das características do enunciador e do enunciatário pressupostas no discurso, a imagem de si definida na tela pelo enunciador se dá através de escolhas das pessoas que participam do programa e legitimam o discurso, como também do cenário, músicas, enquadramentos, montagens, entre outros. Em relação à imagem do telespectador, projeta-se um perfil, um modo de como interpretar a mensagem telejornalística, tendo como referências experiências e pesquisas de audiência anteriores. O objetivo dessas considerações é conquistar uma maior adesão ao programa, promover uma intersubjetividade e delegar o caráter verossímil do discurso para quem assiste.

Para compreender o discurso de *A Liga* e *Profissão Repórter* na televisão, é necessário analisar um conjunto organizado de elementos que cria uma unidade, subordinado a certas leis, com determinado critério de relação para formar o sentido. Os programas de televisão são considerados textos sincréticos porque reúnem no mesmo meio várias linguagens: a visual, verbal escrita e oral, musical, gestual, proxêmica e outras. A significação do texto é obtida pelo conjunto das linguagens, não se deve, no entanto, considerar que cada uma delas tenha seu próprio sentido, mas a relação de todas as linguagens é que produzem o sentido do texto. Mesmo ao considerar a significação de um texto sincrético como um todo, um primeiro passo para analisá-lo seria discernir as unidades mínimas que compõem o discurso. De certa forma, o texto audiovisual é ancorado no discurso verbal, no desenvolvimento das narrativas, mas a construção dos efeitos de sentido é mais eficiente à medida que se estabelece melhor relação estratégica entre as diversas linguagens.

Greimas (1974, p. 9) afirma que a construção da verdade no texto depende de uma intertextualidade, “cada enunciado [...] apóia-se sobre uma argumentação, ou melhor, uma demonstração [...], um outro discurso que lhe é paralelo e que fundamenta este enunciado”. Através, então, de elementos internos do texto articulados com as percepções do mundo natural é que o sentido será formado. O texto não irá se referir ao real, mas será articulado para representar o real dentro de si mesmo, ou seja, as situações e as personagens reconhecidas no mundo natural terão seus simulacros construídos internamente.

Essa construção do discurso tem componentes de aspectualização (do tempo, do espaço e das pessoas) revestidas de elementos figurativos determinados por um eixo temático capaz de gerar a coerência discursiva. Fiorin (2001, p. 42) destaca que “o sujeito é o ponto de referência das relações espaço-temporais”. Como o enunciador produz um texto num determinado contexto e época, a enunciação estabelece as categorias espaciais e temporais de acordo com as categorias da pessoa. Dessa forma, o espaço e o tempo são dependentes do *eu* que neles se enuncia. Os demais elementos discursivos que se manifestam

no texto audiovisual são a figurativização e tematização. A figuratividade, para Bertrand (2003, p. 154), produz ou restitui “parcialmente significações análogas às nossas experiências perceptivas mais concretas”. Quanto à tematização, este se apresenta como alicerce dos elementos figurativos a ponto de “uni-los para indicar sua orientação e finalidade, ou inseri-los num campo de valores cognitivos ou passionais” (2003, p.213).

Assim sendo, como premissa teórica para análise, reconhecemos os programas de TV sugeridos como texto com linguagem sincrética, articulados em duas instâncias na enunciação, a narrativa (estrutura interna) e a ideológica (estrutura sociocomunicativa entre os sujeitos da enunciação). Esses valores discursivos serão manifestados através de reconstrução a partir de uma escolha dos personagens (sujeitos - repórteres e entrevistados) e das rotinas vividas pelos entrevistados selecionados (espaço - ambiente do trabalho / tempo - dia a dia atual). O nível figurativo promove a comparação com a realidade (acrescidos de recursos técnicos que ampliam essa percepção, como a edição, sonorização e enquadramentos de câmera). Por fim, todas essas referências se reúnem através de uma tematização, nesse caso, a prostituição.

A construção do discurso verídico nos programas *A Liga* e *Profissão Repórter*

Embora as histórias das personagens sejam o ponto forte dos programas *A Liga* e *Profissão Repórter*, o que se destaca nesses produtos audiovisuais jornalísticos são as incursões dos repórteres nas histórias. Esse mediador das experiências acaba assumindo um papel ativo na representação da realidade e, reconhecido dentro de seu próprio conteúdo, torna-se um dos principais sujeitos do relato. Interessamos saber a respeito das seguintes perspectivas: a primeira, sobre o fato de mostrar o real como ele pode ser, contextualizado com as ações captadas de bastidores e a segunda, quanto à alteração desse real com a mesma presença denunciada das equipes de reportagem.

Os programas em 2010 foram veiculados às terças-feiras. Eles não utilizam imagens em estúdio, todas as ações ocorrem nas ruas, enfatizando o repórter em ação. A exceção são alguns rápidos comentários de Caco Barcelos com os jornalistas na ilha de edição do *Profissão Repórter*. *A Liga* tem duração de uma hora, possui quatro repórteres, suas carreiras são reconhecidas em outras áreas, como músico, atriz e comediante. Com meia hora de duração, o *Profissão Repórter* também tem quatro jovens, identificados como jornalistas com pouco tempo de experiência, que se dispõem a revelar os bastidores da produção das reportagens.

Todas as histórias se tornam mais atraentes porque os depoimentos não seguem uma narrativa linear em um local específico. Há, na montagem, uma valorização das situações. Todas as ordens dos depoimentos são alternadas, com imagens ilustrativas, pausas visuais, efeitos sonoros e caracteres na tela. Nas escolhas que se faz na organização/direção das cenas, não é só a imagem que se mostrará definidora da observação do real, mas o encadeamento delas.

Ambos os programas abordaram a prostituição como tema em 2010, O *Profissão*

Repórter transmitiu no dia 25 de maio, enquanto *A Liga* exibiu no dia 15 de junho. Ao considerar os elementos informativos que podem agregar valor às condições de entrevista, *A Liga* divulgou dados que correspondem ao faturamento do setor e quais as principais regiões de São Paulo para determinado tipo de oferta de sexo. Já o *Profissão Repórter* enfatizou como os jornalistas conseguiram entrar em contato com as fontes e como foi desempenhado o papel de supervisor através de comentários do jornalista Caco Barcelos. O enfoque é determinado pelo que conhecemos como a linha editorial do programa. O enunciador determina certo tipo de postura para promover a comunicação, assim, o conteúdo, a abordagem e a ideologia são manifestados na escolha e conversas dos personagens (repórteres e entrevistados), cenários e momentos.

No jornalismo, a reconstrução do real depende do relato dos entrevistados, essa delegação de voz traz credibilidade e proximidade entre os atores das histórias narradas e o telespectador. Ambos os programas enfocam parcialmente o tema ao considerar somente os profissionais de sexo nesse mercado. No *Profissão Repórter*, Caco Barcelos questiona a falta da aparição dos clientes da acompanhante de luxo Mariah, mas em alguns momentos com a equipe em Russas (sertão do Ceará) e no Rio de Janeiro (bairro da Lapa) os clientes apenas ilustram a rotina dos profissionais de sexo. Essa forma ilustrativa também ocorre no *A Liga*, eles são identificados através de cenas flagrantes, com identidades preservadas. Tal perfil editorial afasta-se do jornalismo clássico, que pretende ouvir as partes envolvidas do tema em questão e ressalta a característica de documentário, no qual a história do depoente é suficiente.

Na representação dos sujeitos dentro do discurso, ambos os programas têm em comum uma profissional do sexo que é acompanhante de luxo, outra que trabalha em cabaré precário e uma travesti com uma influência em seu grupo e trabalham nas esquinas. Pode-se observar que as escolhas são através de estereótipos para buscar uma representação preconcebida das diferentes categorias dentro desse grupo. Como o programa da TV Bandeirantes tem o dobro de duração, apresenta-se também um garoto de programa e outra casa de prostituição, mas sem informações diferenciadas. Aborda-se as mesmas situações: frequência de público, quartos utilizados, movimento noturno na rua e nos bares. Tal estratégia tem sua significação mais compreendida no universo da figurativização, em que a recorrência em outros cenários amplia a noção do tamanho do mercado da prostituição.

Embora o tema principal seja a prostituição, o assunto se desenvolve considerando os seguintes aspectos comuns aos dois programas: o uso da internet para divulgar os serviços, a alta remuneração no mercado de luxo, perfil dos clientes e a precariedade nos locais populares e nas ruas. Uma ressalva é a abordagem sobre drogas, o *Profissão Repórter* apenas comenta na última cena que a casa de prostituição foi fechada duas semanas depois pela polícia por ser também um ponto de drogas, revelando uma pauta pertinente, mas sem ser explorada.

Já no *A Liga* fica um pouco mais evidente o assunto sobre drogas, com a confissão de dois entrevistados, um ainda como usuário. A postura de confidente do repórter não é alterada, ele não faz nenhum questionamento como valor negativo. O garoto de programa afirma que o crack é bom para emagrecer e isso é determinante na profissão, porém a razão

dada pelo narrador do programa é a dificuldade da profissão, o que se torna incoerente com o testemunho.

Esse exemplo ilustra algo recorrente, o perfil editorial de assumir um ponto de vista dos profissionais do sexo. Os programas registram uma adesão às proposições dos entrevistados, sem contra-argumentações. No *Profissão Repórter*, mesmo com o travesti batendo em um jovem bêbado que desistiu do programa, não houve nenhuma reação contrária ou intervenção do jornalista. Mais adiante, em conversa na ilha de edição, o repórter confessa que não soube como agir diante da agressão. Uma exceção dessa relação de cumplicidade entre jornalista e entrevistado é quando Ana Paula (profissional do sexo de Russas/CE) comenta que está grávida de sete meses e, mesmo assim, bebe e fuma constantemente. A repórter pergunta se não faz mal beber tanto, com um tom de voz que não concorda. Em resposta, Ana Paula cita que seu outro filho reclama disso (“tão pequeno, mas tão cheio de razão”).

Essa característica de abordar um ponto de vista é típica da linguagem de documentário, o telejornalismo clássico tem como pressuposto ouvir outros tipos de fontes, como autoridades, clientes, pesquisadores, associações e demais grupos que podem ser pertinentes. Quando percebemos o hibridismo dos gêneros, cria-se um novo formato que transcende às características dos gêneros anteriores. As características enunciativas específicas que se desenvolvem nesse formato é a valorização da mediação: a produção do programa é revelada, já que se revelam as inseguranças dos repórteres da Globo, como no caso da agressão do travesti, focaliza-se o perfil comediante de Rafael Bastos, quando pede uma vaga para trabalhar também, já que se paga bem e destaca-se a interpretação da atriz Tainá que representa uma garota de programa nas ruas, orientada pela sua entrevistada e acompanhante de luxo Sabrina.

Os programas definem outras questões editoriais distintas, não ressaltadas neste trabalho, mas de modo convergente, nossa análise era observar algumas estratégias discursivas. Na enunciação, as definições dos sujeitos, referencializados no espaço e tempo, ocorrem simultaneamente em duas instâncias: dentro e fora do discurso são próximas: Exterior (além) do discurso sobre prostituição, os programas são semanais, após o horário nobre das novelas que objetivam uma audiência ampla inerente à televisão, respaldados por uma credibilidade investigativa com os repórteres na rua. Dentro deste específico discurso analisado, temos mediadores que apresentam admirações, surpresas e cumplicidade com acompanhantes de luxo, travestis e profissionais de sexo que trabalham em ambientes precários. Essa relação comunicativa no interior desse discurso revela uma abordagem humanizada, de aproximação entre os enunciadores e sugerem que tal intimidade se estenda para fora da tela, alcançando o público, que, por sua vez, pode se sentir não só informado, mas envolvido pelos relatos.

Toda a veracidade atribuída está justamente em desvelar as condições de espaço e tempo das personagens e suas ações desenvolvidas. A delegação de vozes para que elas reconstituam suas rotinas e histórias reforçam a veracidade. O dizer verdadeiro se consolida com a adesão da audiência, que em seu repertório tem outros relatos e experiências sobre o assunto. A representação da prostituição nesses programas de TV é um exemplo

da abordagem temática que se repetirá na outras semanas, com estratégias enunciativas bem definidas, eles se mostram capazes de manter o interesse do público para fidelizar o consumo dos próximos episódios durante as semanas seguintes.

Referências Bibliográficas

- BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria semiótica do texto**. São Paulo: Ática, 1999.
- BERTRAND, Dennis. **Caminhos da semiótica literária**. Bauru: EDUSC, 2003.
- BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Oeiras: Celta Editora, 2001.
- CAPPARELLI, Sérgio; LIMA, Venício A. de. **Comunicação e televisão: desafios da pós-globalização**. São Paulo: Hacker, 2004.
- COURTÉS, Joseph. **Introdução à semiótica narrativa e discursiva**. Coimbra: Livraria Almedina, 1979.
- FIORIN, José Luiz. **Linguagem e ideologia**. São Paulo: Ática, 1988.
- _____. **As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo**. São Paulo: Ática, 2001.
- FLOCH, Jean-Marie. **Alguns conceitos fundamentais em semiótica geral**. Documento de estudo do Centro de Pesquisa Sociosemióticas. São Paulo: CPS, 2001.
- GREIMAS, A. Julien. **Semântica estrutural**. Tradução. H. Osakape e I. Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1973.
- _____. Enunciação, uma postura epistemológica. In: **Revista Brasileira de Semiótica. Significação**. Ribeirão Preto: CES, n 1, jun. 1974. p 9-25.
- HOHLFELDT, Antonio (org). **Teorias da comunicação**. Petrópolis: Vozes, 2001.
- JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1969.
- LANDOWSKI, Eric. **Presenças do outro**. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- GOMES, Leandro E. W. A Igreja Universal como atração na TV: a representação midiática do discurso religioso. In: PINTO, Aroldo; Alves, Fábio (org). **Representações sociais em comunicação**. São Paulo: Arte & Ciência, 2007. p. 29-50.
- MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério**. São Paulo: Senac, 2000.
- MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 1995.
- PAOLI, J. Antonio. **Comunicación e información**. México: Trillas, 1987.
- PEIRCE, Charles S. **Semiótica e filosofia**. São Paulo: Cultrix/EdUSP, 1975.
- PINTO, Milton José. **Comunicação e discurso**. São Paulo: Hacker, 1999.
- SANTAELLA, Lucia. **Comunicação e pesquisa**. São Paulo: Hacker, 2001.
- SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de lingüística geral**. São Paulo: Cultrix, 1969.